

**APONTAMENTOS SOBRE UMA CLÍNICA PSICOLÓGICA EXISTENCIAL
INSPIRADA EM KIERKEGAARD: A PSICOLOGIA “EXPERIMENTANTE” E SEUS
MODOS DE VER À MARGEM**

Renata Gomes da Costa de Marca

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

orcid.org/0000-0001-9156-5530

RESUMO: Para Kierkegaard, sob o pseudônimo de *Vigilius Haufniensis* (1844), a Psicologia seria, por excelência, a “ciência” a enfrentar a questão da angústia, como abertura para a possibilidade, no movimento existencial e ambíguo da existência mesma. Em contraposição à Ética, que age e julga de acordo com a Lei, e à Dogmática, que determina e impõe, a Psicologia sonda, observa e contempla, aproximando-se da experiência sem tentar buscar explicações nem alicerces onde assentar suas bases. Diversamente da psicologia científica tradicional, afeta ao campo técnico-disciplinar; trata-se de uma “psicologia experimentante”, tal como já indicado por autores que buscam fazer essa articulação entre a filosofia de Kierkegaard e a psicologia (tais como Protasio, Feijoo, Campos, dentre outros). Essa aproximação pela experiência concreta se mostra especialmente necessária no momento histórico atual de reificação das vertentes biomédicas, organicistas e globalizantes das ciências *psi* que, no campo disciplinar específico da psicologia, convencionou-se chamar de Psicologia baseada em evidências (PBE). Em contraposição ao “evidente” que se “vê de fora”, “prova” etc., determinante das disciplinas científicas modernas, a psicologia inspirada em Kierkegaard reivindica o ver (*e-videre*) que está para além da observação, que nasce nas margens da própria experiência e não almeja qualquer centralidade. Busca-se, portanto, trazer reflexões sobre a relevância da clínica psicológica inspirada em Kierkegaard, no momento histórico atual, principalmente a partir de seu conceito de angústia, trazendo alguns pontos do conto *Nas águas do tempo*, de Mia Couto, como margem de experiência para se meditar sobre a possibilidade de uma Psicologia Experimentante na atualidade.

PALAVRAS-CHAVES: Análise existencial. Kierkegaard. Angústia. Psicologia Experimentante. Clínica psicológica existencial.

**NOTES ON AN EXISTENTIAL PSYCHOLOGICAL CLINIC INSPIRED ON
KIERKEGAARD: EXPERIMENTING PSYCHOLOGY AND ITS WAYS TO SEE ON
THE FRINGES**

ABSTRACT: To Kierkegaard, under the pseudonym of *Vigilius Haufniensis* (1844), Psychology would be by excellence the “Science” to confront the issue of anguish as an opening to the possibility upon an existential and ambiguous movement of existence itself. In opposition to Ethics – which acts and judges according to the Law – and to Dogmatics – which determines

and enforces –, Psychology probes, observes and contemplates, drawing near to the experience, not trying to search for explanations nor foundations where to settle its ground rules. Unlike traditional scientific Psychology, that moves technical-disciplinary field, it is an experimenting psychology, as already suggested by authors who look for this connection between Psychology and Kierkegaard Philosophy (such as Protásio, Feijoo, Campos, etc.). That drawing near to the concrete experience is particularly necessary on the current historical moment when there is a reification of biomedical, organicist and globalizing approaches in the psychological sciences that, specifically in the field of Psychology, have been called Evidence-based Practices. In opposition to what is “straightforward”, what can be “seen from the outside”, the “evidences”, etc., that are essential ideas to modern scientific disciplines, Psychology inspired on Kierkegaard claims the seeing (*e-videre*) that is beyond observation, which is born on the fringes of its own existence and doesn’t seek any centrality. Therefore, we have brought reflections about the relevance of psychological clinic inspired on Kierkegaard on the current historical moment mainly from the concept of anguish, bringing some topics from the short story “Nas águas do tempo”, by Mia Couto, as a fringe of experience to meditate over the possibility of a current experimenting Psychology.

KEYWORDS: Existential analysis. Kierkegaard. Anguish. Experimenting Psychology. Existential Psychological clinic.

INTRODUÇÃO

Em *O conceito de angústia* (1844), S. Kierkegaard como *Vigilius Haufniensis* aponta que, ao se tentar analisar um conceito específico, tal empreendimento só será possível ao ser realizado na concretude da experiência mesma e dentro da atmosfera que lhe diz respeito. Nesse sentido, seria a Psicologia, por excelência, a ciência a enfrentar a questão da angústia, uma vez que sua atmosfera, de acordo com o filósofo dinamarquês, é a da “resistência intrépida da seriedade” e a da “angústia descobridora” (Kierkegaard, 1844/2020, p. 18), sendo disso que ela pode ocupar-se. À Psicologia interessa a angústia como abertura para a possibilidade no movimento existencial e ambíguo da existência mesma.

Para Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2020), em contraposição à Ética, que age e julga de acordo com a Lei, e à Dogmática, que determina e impõe, a Psicologia sonda, observa e contempla, aproximando-se da experiência sem tentar buscar explicações nem alicerces onde assentar suas bases. Observa-se que a psicologia, a qual o filósofo faz referência, não se trata da psicologia científica que emerge enquanto campo disciplinar no final do século XIX com W. Wundt (Cambaúva *et al.*, 1998). Sendo assim, o trabalho de buscar bases, típico da era da técnica, que fundamenta a ciência moderna, não é a tarefa da clínica psicológica que se inspira em Kierkegaard (Feijoo & Protasio, 2011a; Feijoo *et al.*, 2013).

Para pensar a clínica psicológica, nos dias atuais, essa aproximação se mostra especialmente necessária em um momento histórico no qual nos deparamos com a reificação das vertentes biomédicas, organicistas e globalizantes das ciências *psi* que, no campo disciplinar específico da Psicologia, convencionou-se chamar de Psicologia Baseada em Evidências (PBE) ou o Paradigma da Prática Baseada em Evidências em Psicologia (PBEP) que, em linhas gerais, busca por dados empíricos/evidências da eficiência e eficácia da psicoterapia, com parâmetros de melhora e piora, relação custo-benefício, etc (Leonardi & Meyer, 2015).

Ao longo do artigo será discutido que, em contraposição à noção de evidência científica como aquilo que não deixa margem à dúvida, achado que comprova e indica critérios de veracidade ou falsidade (De-La-Torre-Ugarte-Guanilo *et al.*, 2011), a clínica existencial de inspiração kierkegaardiana aponta para o ver originário (*e-videre*) que nasce da própria experiência, de “um jeito de ver à margem” (Campos, 2014, p. 26). Ver que só é possível na medida em que o psicólogo se entrega à atmosfera da angústia, própria à tarefa da Psicologia, e se desembaraça dos encargos da Lógica, da Ética e da Dogmática, tais como postuladas por Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2020), as quais parecem oferecer embasamento para a prática da psicologia científica tradicional.

Por fim, considerando-se o caráter poético-psicológico da psicologia experimentante de Kierkegaard (Ibidem) e a literatura como aquela que resguarda o caráter sensível da existência, tão cara ao filósofo dinamarquês, (Feijoo, 2017), buscar-se-á discutir alguns trechos do conto *Nas águas do tempo*, do escritor moçambicano Mia Couto (1994), como margem de experiência para se meditar sobre a possibilidade de uma Psicologia Experimentante na atualidade.

1 – DA BUSCA DA EVIDÊNCIA CIENTÍFICA AO *E-VIDERE*: DO IMPERATIVO DA LÓGICA NAS PRÁTICAS PSICOLÓGICAS BASEADAS EM EVIDÊNCIAS AO VER ORIGINÁRIO DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL INSPIRADA EM KIERKEGAARD

A prática baseada em evidências surge, inicialmente, no Canadá, na década de 1980, restrita ao campo da clínica médica, a chamada Medicina Baseada em Evidências (De-La-Torre-Ugarte-Guanilo *et al.*, 2011), centrando-se na “aprendizagem baseada em problemas” (Sampaio & Mancini, 2007, p. 84). Diversos outros fatores influenciaram esse movimento, tais como a busca pela comprovação de resultados para fins de prestação de serviços, a proteção ao

direito de consumidores por órgãos governamentais, a certificação de qualidade dos serviços, os cálculos de custo-benefício pelas seguradoras de saúde, entre outros (Beutler, 1998).

Nesse encaixo, a busca pelo suporte empírico e científico de tratamentos psicológicos se intensificou, particularmente, a partir de meados da década de 1990, em função de mudanças no sistema de saúde dos Estados Unidos que passou a exigir dados concretos e objetivos sobre os tratamentos oferecidos. Assim, a pergunta principal era se determinado tratamento funcionava, para quais condições específicas e qual o seu custo-benefício (Sanderson, 2003). Logo, o autor reforça que questões ligadas à gestão de serviços em saúde e o surgimento dos manuais e protocolos clínicos (os famosos *guidelines*) foram influências significativas para as práticas baseadas em evidências na Medicina e, por conseguinte, na Psicologia e demais áreas da saúde. Não se busca traçar um histórico da PBE, mas apenas marcar seu fortalecimento no momento histórico atual e seu ponto de origem no norte global, mais especificamente nos Estados Unidos e no Canadá, e dentro do campo da Medicina, alicerçada, portanto, em um paradigma biomédico.

Segundo o dicionário Oxford, “evidência” é descrita como “qualidade ou caráter do que é evidente, do que não dá margem à dúvida”; “constatação de uma verdade que não suscita qualquer dúvida pela clareza e distinção com que se apresenta”, “incontestado”. Nas diversas definições possíveis, a certeza e o não deixar margem à dúvida encontram-se como núcleo central a todas elas (Barros *et al.*, 2020). Já as evidências científicas, em linhas gerais, são aquelas que resultam de pesquisas científicas, objetivas, por meio de metodologia e procedimentos técnico-científicos rigorosos que obedecem a critérios específicos, tais como eficácia, viabilidade, adequação e significância (De-La-Torre-Ugarte-Guanilo *et al.*, 2011).

Diferentemente das disciplinas científicas modernas, que buscam evidências para comprovar ou refutar hipóteses ou proposições por meio de critérios objetivos, a psicologia inspirada em Kierkegaard reivindica a evidência em seu sentido originário, etimológico;¹ o *e-videre*, que vem do *evidens*, quer dizer “claro, óbvio, perceptível”; de *ex-*, tem-se “para fora”, “tirar”, “revelar”, mais *videns*, de *videre*, indicando “ver, enxergar”, o que é derivado do Indo-Europeu *weid* – “saber, enxergar”: “ver”. Trata-se de um saber que emerge, se torna perceptível, se revela na própria experiência, um saber que nasce em ato quando se olhando, enxerga, vê e, por isso, sabe. Essa “evidência originária” tem seu fundamento no resgate do caráter estético e

¹ Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/pergunta/evidencia>> e <<https://etimologia.com.br/evidencia>>.

sensível da existência, encetado pelo filósofo dinamarquês ao longo de sua obra, tendo como lugar primordial a experiência concreta de cada um em sua singularidade existencial (Feijoo & Protasio, 2011b; Feijoo *et al.*, 2013). Diferencia-se, portanto, da evidência científica tradicional, cujo olhar é predeterminado pelo saber que lhe é anterior e orienta a prática, no sentido de uma aplicação, por meio de manuais e protocolos, como visto na Medicina e na PBE.

Em *O Conceito de Angústia*, para adentrar no campo que considera próprio à Psicologia e aos fenômenos que lhe dizem respeito, Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2020) faz primeiro uma discussão sobre a Lógica, a Ética e a Dogmática, das quais serão destacados brevemente alguns pontos a fim de apontar como a psicologia, de modo particular, ou as ciências *psi*, de modo geral, que assentam suas bases na ordem da técnica tendem a se utilizar da lógica, da ética e/ou da dogmática como fundamentos ao empreender seus modos de ver, que se orientam pela busca de evidências.

Haufniensis afirma que, na Lógica, “nenhum movimento deverá ‘vir-a-ser’, porque a Lógica é, e todo o Lógico apenas é, e essa impotência do Lógico é a passagem da Lógica ao devir, onde existência e realidade aparecem” (Kierkegaard, 1844/2020, p. 15). Em uma psicologia em que se busca encontrar uma lógica, é no jogo do “é x não-é” que ela se ampara. Como acrescenta o autor, “a Lógica se aprofunda na concreção das categorias, tudo permanece sempre idêntico ao que já era desde o início” (Ibidem). O raciocínio diagnóstico dos Manuais de Diagnóstico e Estatística das Doenças Mentais (DSM), construídos pela Associação Americana de Psiquiatria (APA), especialmente a partir de sua terceira edição (DSM-III) (APA, 1980), por exemplo, é a encarnação da concreção categorial e da tentativa de ancorar a existência numa relação de identidade, pautada em critérios de natureza estatística, sendo um modelo com o qual a PBE se afina.

O DSM-III, lançado em 1980 nos Estados Unidos, é considerado uma revolução dentro do campo da Psiquiatria e da saúde mental pela forma como passou a estruturar e instrumentalizar o raciocínio clínico-psiquiátrico. Foi criado um modelo baseado em sintomas visíveis e mensuráveis supostamente capaz de identificar a presença ou ausência de transtornos mentais, possibilitando o desenvolvimento de um sistema de medição padronizado. Assim, não seria necessário identificar a etiologia dos transtornos, apenas atestar sua presença ou ausência de forma descritiva, por meio de suas categorias, pretendendo ser um manual neutro e atóxico

capaz de ser amplamente utilizado em diferentes contextos e por diversas abordagens clínicas (Mayes & Horwitz, 2005).

De acordo com Mayes e Horwitz (2005), o surgimento desse tipo de modelo padronizado foi fruto de diversas influências, tais como a busca por fortalecimento político e social da psiquiatria dentro do campo disciplinar da medicina, a intervenção cada vez maior do governo nas pesquisas e políticas de saúde mental, a pressão de seguradoras de saúde sobre os profissionais acerca do custo-efetividade do tratamento e a busca das companhias farmacêuticas em vender produtos específicos para tratar doenças específicas. Embora nascido nos Estados Unidos, e apesar do reducionismo e achatamento da complexidade do sofrimento humano em sintomas e categorias, o DSM-III (APA, 1980) e suas versões posteriores até o DSM-5 (APA, 2013) se tornaram, desde a década de 1980, os manuais hegemônicos para a classificação dos transtornos mentais, sendo utilizados como base, inclusive, para a construção diagnóstica da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – 10 (CID-10), que é o manual oficial da Organização Mundial da Saúde (OMS) utilizado como referência no Brasil (Pondé, 2018).

Um manual estatístico, baseado em comportamentos que são transformados em sintomas e categorias, frequentemente tomado por clínico e que não comporta a vida, colocando a existência à margem: existências marginalizadas, identificadas como transtornadas, mesmo que “não-especificadas”. O próprio “não-específico” surge como categoria diagnóstica para determinar o que não cabe nas demais categorias, de forma a tentar apreender ao máximo aquilo que escapa na busca de um rótulo de identificação que lhe dê um certo tipo de inteligibilidade e identidade. A título de ilustração, pode-se citar a categoria Transtorno Não-especificado da Personalidade (código F60.9), na CID-10 (OMS, 2007), utilizado quando os critérios dos transtornos de personalidade específicos não se encaixam no comportamento observado. O “não”, como o que não comparece com as evidências para uma classificação específica, é tomado como matéria para confirmar a regra na lógica da contraposição. O não-específico só pode ser tomado na contraposição do específico, por exemplo. Logo, o não-específico ganha materialidade e se torna uma especificação e, assim, inflam-se cada vez mais os manuais, deixando entrever, paradoxalmente, suas falhas em tentar dar conta dos fenômenos da existência humana.

Haufniensis explica que, na Lógica, o negativo, na verdade, não o é, mas tem de se tornar um. Torna-se, assim, um “necessário Outro” (Kierkegaard, 1844/2020, p. 15) para que se possa fazer a contraposição da qual a Lógica necessita para se mover. Porém, ao se fazer um outro necessário, o negativo já não é mais “o negativo”. Assim como quando se tenta explicar o i-mediato, por exemplo, e, ao fazê-lo, ele também o deixa de ser por não comportar a mediação.

A discussão que Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2020) faz tem valor para a clínica, pois quando se tenta apreender uma existência por meio da lógica, da explicação, da concreção categorial, de um nome diagnóstico, ela já o deixou de ser também. Passa a existir como construto, proposição, mas não como experiência na concretude da existência. Por isso, as hipóteses diagnósticas em psiquiatria mudam com bastante frequência, a cada momento histórico, vide o desenvolvimento e alargamento das categorias diagnósticas nos DSM ao longo do tempo (Mayes & Horwitz, 2005; Pondé, 2018), mas também na trajetória de vida para um mesmo sujeito quando ele vai transitando por diferentes categorias diagnósticas.

As comorbidades psiquiátricas também são frequentes, ou seja, indivíduos que recebem dois ou mais diagnósticos psiquiátricos. Por exemplo, em uma revisão sistemática recente, Baltjes *et al.* (2023) encontraram que 90% dos adultos diagnosticados com Transtorno do Estresse Pós-traumático possuem mais um diagnóstico psiquiátrico e dois terços possuem dois ou mais. Quando um determinado nome não é suficiente para comportar um grupo de comportamentos ou sintomas, outros nomes vão sendo acrescentados, possivelmente como forma de sair do embaraço daquilo que não se tem um nome ou, em última instância, para fazer frente à angústia, seja do paciente, seja do profissional. Um fenômeno que revela a evidência de que um nome/categoria não abarca a ordem de grandeza de uma experiência, muito menos de uma existência.

Posto isso, cabe interrogar por qual motivo essa experiência não é tomada ela mesma como evidência, mas antes como falta de precisão ou erro (seja dos manuais diagnósticos ou dos próprios profissionais), que são parâmetros científicos, a ponto de serem, frequentemente, desconsiderados pelos profissionais os relatos que não respondem às perguntas previamente formuladas de uma anamnese. A própria história dos DSM transcorre em uma busca constante de maior objetividade, confiabilidade e validade de suas categorias diagnósticas (Haslam, 2017).

Observa-se, portanto, a diferença de uma ciência que se fundamenta em uma instrumentalização lógica, científica, por meio da busca por evidências, às expensas da experiência, para uma psicologia existencial que se fundamenta no *e-videre* da situação existencial, isto é, no que se faz ver, no que se mostra, no que aparece nesse movimento, em ato, para cada um. Não há uma busca, pois o psicólogo existencial simplesmente comparece, ou seja, se faz presente e presença com um olhar atento, paciente, interessado e disposto a ver sem tentar controlar com o seu querer aquilo que acontece ou aparece.

2 - A ÉTICA E A DOGMÁTICA COMO PILARES DA PSICOLOGIA HEGEMÔNICA E A PSICOLOGIA EXPERIMENTANTE DE KIERKEGAARD: RESISITINDO À TRADIÇÃO

Haufniensis afirma que, quando se caminha da Lógica para a Ética, o negativo é tomado como o “Mal”. Ironiza ele: “bem se vê quão ilógico têm de ser os movimentos da Lógica, uma vez que o Negativo é o mal; e quão antiéticos na Ética, uma vez que o mal é o Negativo” (Kierkegaard, 1844/2020, p. 16), apontando, portanto, para o campo dos valores, isto é, o positivo e o negativo como valores. Para uma psicologia que se ampara em tal ética, cabe interrogar o que é o negativo, o que é o Mal. Muitas das doenças neuropsiquiátricas, por exemplo, eram assim denominadas, como Mal de Alzheimer, Mal de Parkinson, etc., carregando um juízo de valor em seu próprio nome. Assim como a chamada Psicologia Positiva, criada em 1998 pelo psicólogo Martin Seligman, então presidente da Associação Americana de Psicologia, que alegava que a maioria dos estudos e pesquisas se referiam a aspectos negativos e patológicos do ser humano, com poucos deles se debruçando sobre “os aspectos virtuosos da natureza humana” (Paludo & Koller, 2007, p. 10). Nesse contexto, pode-se interrogar que lei, normas ou parâmetros determinam o que é o Mal e o que é o Bem, o que é o negativo e o positivo, que existências ou modos de existir encarnam esses ideais.

Nessa direção, Haufniensis aponta que a Ética é uma ciência do ideal, no sentido de querer “introduzir a idealidade na realidade efetiva” (Kierkegaard, 1844/2020, p. 18), não para elevar a realidade ao ideal, mas antes para colocar a idealidade como tarefa e supor que o ser humano esteja de posse das condições para tal, mas para em seguida cair em contradição tão logo o ser se mostre embaraçado e impossibilitado de cumprir tal tarefa, ou seja, para atingir as condições ideais. Completa o filósofo que quanto mais a idealidade se coloca como tarefa para

cada homem, no intuito de fazê-lo ascender para o homem por excelência ou o “homem verdadeiro e total” (Idem, p. 21), mais ela torna evidente a dificuldade, mais ela entrega a sua fragilidade da qual tenta escapar, se distanciando, discriminando e julgando a cada indivíduo em sua ação, não em sua singularidade, mas na universalidade da lei.

Ao se deparar com seus limites, nesse caminho, pressupõe a Dogmática, transitando para o campo dos dogmas e crenças, para, no sentido inverso, instituir a idealidade como tarefa de baixo para cima, ou seja, a Ética, aquela que age e julga, passa a se servir da Dogmática, aquela que determina e impõe, para essa tarefa (Kierkegaard, 1844/2020). No campo das ciências *psi*, determinam-se comportamentos, modos de ver e de existir, como normais ou patológicos, certos ou errados, saudáveis ou transtornados, positivos ou negativos e passa-se a julgá-los, a discriminá-los e a categorizá-los a partir disso. Nesse movimento, por meio das evidências, busca-se identificar o que é, o que não deve ser e o como deveria ser, instituindo-se e impondo-se um caminho prescritivo para tal. A evidência torna-se o caminho e tudo o que não é evidência fica à margem, lugar onde habita o que escapa à Lógica, à Ética, à Dogmática, às definições, às certezas e imposições. A margem torna-se a morada das dúvidas, das incertezas, da angústia, onde o olhar técnico do especialista não consegue ver, pois é treinado a identificar e a ignorar a partir do saber disciplinar. Trata-se do olhar enviesado do especialista. A angústia, especialmente, fica à margem como a nódoa indesejada do asséptico ideal científico médico-centrado, aparecendo como sintoma a ser aplacado, extirpado.

Contudo, para Haufniensis, a angústia não configura qualquer imperfeição no homem; ao contrário, afirma o autor que “quanto mais original é um homem, tanto mais profunda será a sua angústia” (Kierkegaard, 1844/2020, p. 57). Não se trata da angústia diante do pecado, que na Dogmática pressupõe e impõe o bem e o mal, pois aí a diferença entre bem e mal não está dada. Para ele, tal diferença só se dá na realidade efetiva da liberdade. A angústia, para o filósofo dinamarquês, aparece nesse momento em que o indivíduo se depara com a possibilidade para a própria possibilidade, o vislumbre da possibilidade do mais próprio, o instante em que algo se abre, vertiginosamente, isto é, no imediato que lhe toma como vertigem, como tontura.

Haufniensis assevera que:

[...] angústia pode-se comparar com vertigem. Aquele, cujos olhos se debruçam a mirar uma profundidade escancarada, sente tontura. Mas qual é a razão? Está tanto no olho quanto no abismo. Não tivesse ele encarado a fundura!... Deste modo, a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese, e a

liberdade olha para baixo, para sua própria possibilidade, e então agarra na finitude para nela firmar-se [...] avançar mais a Psicologia não pode, nem tampouco quer (Kierkegaard, 1844/2020, p. 66).

Para Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2020), vertigem não é sintoma e angústia não é diagnóstico. No horizonte histórico atual, regido pela técnica, rapidamente transforma-se uma fala em uma asserção ou premissa lógica, organizando ética e dogmaticamente seus sentidos e supostos fundamentos para logo julgá-los como falsos ou verdadeiros, tendo como parâmetro as evidências. A Psicologia, segundo o filósofo dinamarquês, é essa “ciência” que abraça a “angústia descobridora” (Kierkegaard, 1844/2020, p. 18) como atmosfera de trabalho, de maneira que não lhe cabe aplacar a vertigem que se lhe anuncia, nem a explicar, até mesmo porque, como ele enfatiza, ela não o pode nem o quer.

O caminho parece ser o de se aproximar da experiência em paciência, como afirma Campos a respeito do pacientar kierkegaardiano, onde “somente na paciência é possível ver” (2019, p. 92). Algo que só se torna possível, segundo Haufniensis, “quando se confessa intimamente que o que atinge a um pode atingir a todos” (Kierkegaard, 1844/2020, p. 59). A esse respeito, o autor exemplifica que um médico “de manicômio” (Ibidem) que seja ingênuo o suficiente para acreditar que sua razão está assegurada para toda a vida e que permanecerá para sempre sensato está pior do que seus pacientes e não terá condições de curar a muitos. Trata-se do especialista iludido que acredita que com seu suposto saber adquiriu um seguro e uma solução. Sendo assim, o psicólogo existencial, ao se desfazer dessa ilusão, é capaz de não recuar diante da angústia sua e do outro, acolhendo a finitude, as escolhas possíveis com seus riscos, a responsabilidade, sem tentar aplacar, aliviar ou extirpar as expressões da angústia, abrindo possibilidade para que os nós da ilusão possam se desatar no processo terapêutico (Feijoo *et al.*, 2013).

Para isso, o próprio psicólogo precisa se desvencilhar da ilusão dos ideais da ciência tradicional, que acredita que seus saberes e técnicas, organizados em grandes sistemas, são capazes e suficientes para explicar, delimitar e controlar a existência humana, trazendo soluções para a angústia ou para o sofrimento (Feijoo *et al.*, 2013). Disso depende-se, com Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2020), que não há fazer clínico possível para aquele que se esquivava das margens, as renega e se recusa a visitá-las, para aquele que acredita estar pisando em terra firme.

A experimentação é terra não firme. Sobre a “psicologia experimentante” de Kierkegaard, trazendo um esclarecimento feito por José Justo, tradutor da obra *A Repetição* (também de Kierkegaard), Campos (2014) explica:

Como é fácil de entender, a designação de “psicologia experimental” não indica uma disciplina científica e sua respectiva metodologia, cujo surgimento é bastante mais tardio. A expressão *experineterende Psychologi* poderia porventura ser traduzida por “psicologia experimentante” se desse modo fosse possível dar a ver o caráter não disciplinar do empreendimento kierkegaardiano. Psicologia, neste contexto, tem um sentido marcadamente etimológico: designa aquela parte da indagação filosófica que lida diretamente com todo o conjunto das categorias que dizem respeito à alma e suas respectivas manifestações e modos de existência e de atividade (Kierkegaard, 2009, p. 28 *apud* Campos, 2014, p. 23).

Campos complementa que Kierkegaard toma dos gregos a *psyché* em seu sentido originário, que designa “vida”, e que o psicólogo que se inspira no modo kierkegaardiano de ver é aquele que busca conquistar esse “jeito de ver à margem” (2014, p. 26) que o próprio Kierkegaard transmite pela experiência e experimentação na forma como ele se dirige a cada leitor em particular (Feijoo & Protasio, 2011b; Feijoo *et al.*, 2013).

Nesse sentido, Kierkegaard interpela ao leitor a conquistar um modo de ver que se assenta, sobretudo, no ver originário que, como assevera Campos, é “um jeito de ver à margem” (2014, p. 26). Assim, não havendo regras ou protocolos técnicos a serem seguidos, Kierkegaard interpela a cada indivíduo em sua singularidade por meio da experiência concreta, na vida mesma, assim como uma psicologia que se inspira no seu fazer (Feijoo & Protasio, 2011b; Feijoo *et al.*, 2013). Abraçar a angústia é resistir à tradição, na medida em que esta busca solucionar a angústia como modo de sofrimento do ser, enquanto Kierkegaard a coloca como potência de descoberta diante da liberdade.

3 – A PSICOLOGIA E SEU CARÁTER POÉTICO: APONTAMENTOS SOBRE A POSSIBILIDADE DE UMA PSICOLOGIA EXPERIMENTANTE INSPIRADA EM KIERKEGAARD, A PARTIR DE UM RECORTE DO CONTO NAS ÁGUAS DO TEMPO, DE MIA COUTO

A psicologia de inspiração existencial kierkegaardiana não se baseia nas evidências científicas, mas no olhar-ver do *e-videre*, na entrega ao caráter sensível que a existência convoca. Em *O conceito de angústia*, Haufniensis afirma que não é sua intenção criar uma obra

erudita nem buscar comprovações literárias para o que escreve, “[...] frequentemente os exemplos que são apresentados nas psicologias carecem da autoridade poético-psicológica propriamente dita” (Kierkegaard, 1844/2020, p. 59). Ele subverte a ideia da autoridade científica, cujo poder está na comprovação que não deixa margem à dúvida, para se demorar nas dúvidas que habitam as margens, conferindo autoridade à experiência e seu caráter de *poiesis*, de criação, e possibilitando um clinicar que sai da evidência como caminho e toma o próprio caminhar como evidência, como *e-videre*.

Sai da centralidade que normatiza o mundo e rege a multidão para ver à margem, esse lugar móvel que bordeja o abismo, as funduras da possibilidade (para a possibilidade) que se anunciam no instante de um encontro onde, de repente, olho e abismo se cruzam e se tocam no estremecimento da vertigem. Trata-se de um ver interessado, atento e cuidadoso, que não almeja ser o centro nem olhar para o centro, desde o centro; ao contrário, nasce e se embriaga nas margens. É desse lugar não-lugar, habitado de forma nômade e vulnerável, que o psicólogo clínico existencial tenta realizar a sua tarefa.

Nessa tarefa, a clínica se alicerça e se nutre em sua própria atmosfera de “angústia descobridora”, em seu caráter “poético-psicológico”, tal como enfatizado por Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2020, p. 18). Nesse sentido, a literatura surge como uma possibilidade para o psicólogo existencial que busca fazer frente ao modelo científico tradicional da psicologia, com seu *modus operandi* explicativo e interpretativo que reduz a existência a modelos abstratos. Esse interesse pela experiência, que revela o caráter sensível do existir, é que move a psicologia existencial em direção à literatura, na medida em que esta nasce da própria experiência e por ela se interessa, sendo guardiã do próprio caráter sensível da existência (Feijoo, 2017). Assim, segundo Feijoo, a literatura pode ser pensada como uma possibilidade de se meditar sobre o saber psicológico, indo ao encontro do próprio caráter poético-psicológico defendido por Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2020). Diante disso, recorreremos a trechos do conto *Nas águas do tempo*, do escritor moçambicano Mia Couto, como margem de experiência para se meditar sobre a possibilidade de uma Psicologia Experimentante na atualidade.

O conto traz a estória de um neto e seu avô. O avô costumava levar o neto rio abaixo, em seu pequeno barco, “e remava devagaroso. O barquito cabecinhava, onda cá, onda lá, parecendo ir mais sozinho que um tronco desabandonado” (Couto, 1994, p. 9). A mãe do menino, aflita, interrogava aonde estavam indo e o avô apenas sorria. Como dizia o neto, “os

dentos, nele, eram um artigo indefinido. Vovô era dos que se calam por saber e conversam mesmo sem nada falarem” (Ibidem). Nem o neto sabia ao certo o que o avô buscava. Chegava um momento, no crepúsculo, o avô segurava-lhe a mão e puxava-o para a margem, conduzindo-o sempre um passo à frente.

Ao tomarem o caminho para casa, ensinava ao neto o fluxo das águas, recolhendo-as com as mãos em um dos lados da canoa, advertindo: “sempre em favor da água, nunca esqueça! [...] Tirar água no sentido contrário ao da corrente pode trazer desgraça. Não se pode contrariar os espíritos que fluem” (Idem, p. 10). Assim, seguiam o fluxo até onde o rio desaguava. Como dizia o neto, “aquele era o lugar das interditas criaturas. Tudo o que ali se exibia [...] se inventava de existir. Pois, naquele lugar se perdia a fronteira entre água e terra [...] O avô, calado, espiava as longínquas margens [...] Ficávamos assim, feito em reza [...]” (Couto, 1994, p. 10).

Havia um momento em que o avô se levantava de súbito, a ponto de quase caírem do barquinho, pegava seu pano vermelho e agitava-o no alto, acenando para algo ou alguém do outro lado da margem. O menino se interrogava para quem, mas nunca vira nada. Ainda assim, o avô agitava seu pano. Em seguida, interrogava ao neto se não via lá na margem um outro pano branco “a dançar-se” (Idem, p. 11). O neto nada vislumbrava além do horizonte e o avô recolhia-se em seu silêncio e ambos retornavam para casa. Conta o neto que, ao chegar em casa, a mãe os recebia com “[...] azedura. E muito me proibia, nos próximos futuros. Não queria que fôssemos para o lago, temia as ameaças que ali moravam [...] se zangava com o avô, desconfiando dos seus não propósitos” (Ibidem).

Diziam que dessas margens teria nascido o primeiro homem. O neto estranhava, pois acreditava que não havia homem mais velho que seu próprio avô. Certo dia, o neto “queria subir à margem, colocar o pé em terra não firme” (Couto, 1994, p. 12), conhecer os pântanos, mas o avô o desaconselhou. No entanto, o neto insistiu, dizendo que seria apenas um “pedacito de tempo” (Ibidem), ao que o avô respondeu que não, pois, a partir dali todo o tempo eram “eternidades” (Ibidem).

Contudo, o neto se arriscou:

Eu tinha um pé meio-fora do barco, procurando o fundo lodoso da margem. Decidi me equilibrar, busquei chão para assentar o pé. Sucedeu-me então que não encontrei nenhum fundo, minha perna descia engolida pelo abismo. O velho acorreu-me e puxou. Mas a força que sugava era maior que o nosso esforço. Com a agitação, o barco

virou e fomos dar com as costas posteriores na água. Ficamos assim, lutando dentro do lago, agarrados às abas da canoa. De repente, meu avô retirou o seu pano do barco e começou a agitá-lo sobre a cabeça. - *Cumprimenta você também!* Olhei a margem e não vi ninguém. Mas obedeci ao avô, acenando sem convicções. Então, deu-se o espantável: subitamente, deixamos de ser puxados para o fundo. O remoinho que nos abismava se desfez em imediata calma [...] (Couto, 1994, p. 12).

Por fim, nessa mesma noite, o avô decide contar ao neto suas “escondidas razões” (Idem, p. 13):

[...] nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam. Os outros? Sim, esses que nos acenam da outra margem. E assim lhes causamos uma total tristeza. Eu levo-lhe lá nos pântanos para que você aprenda a ver. Não posso ser o último a ser visitado pelos panos. Me entende? (Ibidem).

Esse conto é um aceno das margens. Mais do que convida, ele convoca o nosso olhar a ver, assim como o avô faz com o neto. Convoca cada um, a partir dos seus possíveis, a agitar seus panos, a vislumbrar outras margens de si, a acenar para a própria “outridade” ou, como afirma Campos (2019), para os outros do outro e os outros de si, como fazem ver Kierkegaard, Fernando Pessoa, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Mia Couto, entre outros. Margem é constituinte, é de onde se brota. Como visto com Mia Couto (1994) em seu conto, o primeiro homem surgiu na margem e o primeiro homem é também cada um a cada vez que nasce, pois, como afirma Haufniensis, “o homem é *individuum* e, como tal, ao mesmo tempo ele mesmo e todo o gênero humano, de maneira que a humanidade participa toda inteira do indivíduo, e o indivíduo participa de todo o gênero humano” (Kierkegaard, 1844/2020, p. 30).

Para transmitir isso ao neto, o homem mais velho do mundo, aquele que cala por saber e conversa mesmo sem nada falar, que sorri através dos artigos indefinidos de sua boca, o homem dos não-propósitos, segura o neto pela mão e o puxa para a margem. Conduz o neto devagar em seu barquinho, com o dia já “crepusculando” (Couto, 1994, p. 9) quando o sol toca o horizonte, iluminando, ao mesmo tempo em que vai fazendo-se sombra da própria luz, no encontro do céu com a terra: um instante de passagem. A atmosfera do avô é a da silenciosa espera, a da espera paciente que simplesmente aguarda. No avô, não há definições, prescrições, previsões, ao contrário, há o sorriso e o pacienciar diante do desconhecido, a capacidade de se surpreender pela vida mesma. Ele não carrega propósito algum, como a ciência psicológica, cheia de propósitos e objetivos. Ao contrário, o não-propósito é a sua tônica, tal como a de uma psicologia experimentante que, calcada na experiência existencial, não busca prever nada nem

atingir qualquer objetivo previamente determinado, simplesmente acompanhando e pacientemente diante da experiência do clínico.

O avô segue o fluxo das águas; não deseja o contrário, porque não faz o que quer, mas quer o que pode e, atentamente, observa e toca as águas para sentir o seu fluxo e se deixar guiar “pelos espíritos que fluem” (Idem, p. 10). “Em flagrante infância” (Idem, p. 9), o velho que saboreia a vida, no saber que não-se-sabe, se entregando “ao arrebatamento da novidade de viver” (Ibidem), não quer ver mais do que pode e guia o neto, sempre um passo à frente, não mais do que isso. Parece ser essa a experiência clínica de uma psicologia experimentante, a de se manter próxima, acompanhando e sendo guiada unicamente pela experiência, sem saber onde vai desaguar.

Nesse ritmo, vagar, neto e avô viajavam juntos ao lugar dos inter-ditos, das “inter-ditas criaturas” (Couto, 1994, p. 10), se deixavam desaguar no “entre”. Onde a mãe, com “azedura” e aflição (essa era a atmosfera da mãe), via ameaças, desconfiava e prescrevia proibições com olhos voltados para o futuro (tal como olhar da ciência tradicional para o desconhecido), era onde os não-propósitos do velho infante encontravam as vidas que se inventavam de existir, e o neto, mesmo sem nada ver, continuava a se deixar guiar por ele e ficava atento. Se não via ainda o aceno do outro lado da margem, conseguia ver o ato de fé do homem mais velho do mundo. O aceno do avô, que era feito com decisão, ele podia ver. Acompanhava-o no silêncio a espiar as margens longínquas e compartilhava com ele a reza, o aguardo, o pacientar do velho, a esperar sabe-se lá o que. Em um de repente, em um rasgo de tempo, o avô levantava, agitava o pano com decisão, o barco a estremecer, a balançar vertiginosamente, eles quase a caírem. No aceno para a outra margem, o avô também acenava algo para o menino e apontava-lhe uma direção, lá onde os panos dançavam. Acenando para lá das águas, para lá onde “não tem pedacito de tempo, só eternidades” (Idem, p. 12), onde no de repente, num instante, tempo e eternidade se tocam, finito e infinito se encontram.

Quando o menino decidiu saltar do barco e se arriscar a espreitar os pântanos, subir à margem e colocar o pé em terra não-firme, ao se desequilibrar nesse movimento, o primeiro impulso que teve foi buscar as funduras da margem, tentando encontrar chão para assentar o pé e se equilibrar. Não encontrando fundo, teve a perna engolida pelo abismo. O avô tenta puxar o neto e ambos caem no redemoinho, na tontura do encontro com o abismo, na atmosfera da angústia onde não há terra firme. No desespero, entram em luta para tentarem se agarrar às abas

da canoa. Mais uma vez, em um de repente, o avô desiste da luta e se entrega ao fluxo das águas que fluem e, em vez de se agarrar às abas ilusórias e moventes da canoa, agita o pano por cima da cabeça e cumprimenta a margem, onde o menino, mais uma vez, nada vê.

Largando as abas da canoa, entregando-se ao risco e à vertigem do redemoinho, o velho agarra-se à própria finitude, acena com decisão para o outro, no outro lado da margem, assim como o neto que também arrisca o aceno, no rasgo que se abre no instante em que os panos se encontram em uma dança, onde a finitude encara a infinitude, onde tempo e eternidade se miram, lá na margem, onde a necessidade de se salvar toca a possibilidade de se inventar de existir. Essa é a aposta da clínica existencial de inspiração kierkegaardiana, uma psicologia que faz morada na própria existência e no momento presente da experiência, sem buscar previsões e resultados futuros baseados em saberes predeterminados ou evidências científicas. A psicologia experimentante se lança, tal qual o avô e o neto, rio abaixo, se deixando guiar na direção das águas que fluem, em estado de paciente espera, sem saber o que vai encontrar, mas, em vez de se desesperar e fugir da angústia ao se deparar com terra não-firme, com o abismo e sua fundura, não recua. Antes, acena para esse desconhecido e, tal como afirma Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2020), faz da “angústia descobridora” sua própria atmosfera e a ela se entrega.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicologia clínica existencial de inspiração kierkegaardiana apresenta-se como resistência diante do momento histórico atual de reificação das vertentes medicalizantes, organicistas e universalizantes das ciências *psi*, fortemente influenciadas pelo paradigma biomédico e pelos saberes do norte global. Essa inserção deve-se, em grande medida, à predominância das filosofias das subjetividades no campo *psi*, no qual o eu (ou o psiquismo, ou a consciência) é visto como uma substância, passível de definições, explicações, medições e, portanto, correções, havendo um acento na interioridade em detrimento dos campos cultural, social e político, excluindo-se a própria singularidade (Feijoo, 2011 e 2015).

Autores que se dedicaram à articulação da filosofia da existência de Kierkegaard com a clínica psicológica (Feijoo, 2000 e 2007; Protasio, 2008; Feijoo & Protasio, 2011a; Feijoo & Protasio, 2011b; Protasio, 2012; Feijoo *et al.*, 2013) buscaram mostrar como a obra do filósofo

dinamarquês apresenta subsídios concretos para a elaboração de uma clínica psicológica que prima pelo resgate do caráter sensível da existência, a partir da experiência concreta de cada indivíduo em sua singularidade de existir.

Haufniensis (Kierkegaard, 1844/2020) aponta que a Psicologia, diferentemente da Lógica, da Ética e da Dogmática, em seus exercícios de conferir identidade, normativas, leis, dogmas, ideais e julgamentos, se dedica unicamente a se aproximar da experiência, observando-a e contemplando-a sem buscar explicações e teorizações sobre a mesma. Sendo assim, seria a psicologia a “ciência” a enfrentar a questão da angústia, uma vez que ela, tão temida pelos saberes disciplinares, seria a própria atmosfera de existência da psicologia. Contudo, Kierkegaard se absteve de, com isso, criar qualquer objeto próprio à psicologia. Ao contrário, acreditava não ser possível delimitar um objeto para/na psicologia, vendo nisso justamente a sua força (Feijoo, 2011 e 2015). Sendo assim, a angústia passa a ser vista como possibilidade de abertura, possibilidade para a possibilidade, atmosfera de trabalho da própria psicologia.

Por ter a própria vida como matéria-prima em sua concretude de existir, sua psicologia está atenta para ver, enxergar e captar aquilo que lhe vem ao encontro do olhar, no instante do acontecimento, no próprio movimento da existência. Sem evidências, regras, manuais ou protocolos, sua psicologia é experimentante, viva, nômade e precária, como a própria existência. Por isso, o psicólogo existencial que tem Kierkegaard como inspiração é aquele que des-centra o seu olhar e o deixa livre para conquistar um jeito próprio de “ver à margem” (Campos, 2014, p. 26), margem essa que é constituinte da própria existência.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, Fifth Edition (DSM-5). Washington, DC: American Psychiatric Press, 2013.

_____. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, Third Edition (DSM-III). Washington, DC: American Psychiatric Press, 1980.

BALTES, Froukje; COOK, Joan M; VAN KORDENOORDT, Maaïke; SOBCZAK, Sjacko. Psychiatric comorbidities in older adults with posttraumatic stress disorder: A systematic review. *International Journal of Geriatric Psychiatry*, v. 38, n. 6, pp. 1-15, jun 2023.

BARROS, Ricardo Paes de; SANTOS, Daniel D.; COUTINHO, Diana; SOARES, Camila M. M. Evidência: o que é, para que serve e como ir da que temos para a que queremos? *Instituto Ayrton Senna, Núcleo Ciência para a Educação*, 2020. Disponível em: <https://www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/Escada-da-Evid%C3%A2nciaEvid%C3%A2ncia_-o-que-%C3%A9-para-que-serve-e-como-ir-da-que-temos-para-a-que-queremos_.pdf>. Acessado em: janeiro de 2024.

BEUTLER, Larry E. Identifying empirically supported treatments: what if we didn't? *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, v. 66, n. 1, pp. 113-120, 1998.

CAMBAÚVA, Lenita Gama; SILVA, Lucia Cecilia da; FERREIRA, Walterlice. Reflexões sobre o estudo da história da psicologia. *Estudos de Psicologia*, v. 2, n. 3, pp. 207-227, 1998.
CAMPOS, Eduardo da Silveira. Psicologia de Kierkegaard: um jeito de ver à margem. In: FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de.; PROTASIO, Myriam Moreira. *Angústia e Repetição: da Filosofia à Psicologia*. Rio de Janeiro: IFEN, 2014.

_____. Aprender a angustiar-se na paciência. *Arquivos do IPUB online*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, pp. 88-101, jan./abr. 2019.

COUTO, Mia. Nas águas do tempo. In: COUTO, Mia. *Estórias Abensonhadas*, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO, Mônica Cecilia; TAKAHASHI, Renata Ferreira; BERTOLOZZI, Maria Rita. Revisão sistemática: noções gerais. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 45, n. 5, pp. 1260-1266, 2011.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. *A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial*. São Paulo: Vetor, 2000.

_____. Os fundamentos da clínica psicológica na filosofia de Søren Kierkegaard. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. XIII, n. 1, pp. 111-124, 2007.

_____. A crise da subjetividade e o despontar das psicologias fenomenológicas. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 3, pp. 409-417, 2011.

_____. A experiência do pensamento para além da filosofia e da psicologia. *Anais XIV Jornada Internacional de Estudos de Kierkegaard da Sobreski: o silêncio da solidão – tornar-se singular em Kierkegaard*. Rio de Janeiro, 2015.

_____. *Existência e psicoterapia: da psicologia sem objeto ao saber-fazer na clínica psicológica existencial*. Rio de Janeiro: IFEN, 2017.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de.; MATTAR, Cristine Monteiro; FEIJOO, Elaine Lopez; LESSA, Maria Bernadete Medeiros; PROTASIO, Myriam Moreira. *O pensamento de Kierkegaard e a clínica psicológica*. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2013.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de; PROTASIO, Myriam Moreira. Análise existencial: uma psicologia de inspiração kierkegaardiana. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 63, n. 3, pp. 72-88, 2011a.

_____. O resgate do caráter estético da existência na filosofia de Kierkegaard. *Revista Filosofia Capital*, v. 6, pp. 11-22, 2011b.

HASLAM, Nick. Reliability, validity, and the mixed blessings of operationalism. In: KENDLER, Kenneth S.; PARNAS, Josef. (Orgs.). *Philosophical issues in psychiatry IV: psychiatric nosology*. USA: Oxford University Press, 2017.

KIERKEGAARD, Søren Aabye [1844]. *O conceito de angústia*. Petrópolis: Editora Vozes, Bragança Paulista: Editora universitária São Francisco, 2020.

LEONARDI, Jan Luiz; MEYER, Beatriz. Prática baseada em evidências em psicologia e a história da busca pelas provas empíricas da eficácia das psicoterapias. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 35, n. 4, pp. 1139-1156, 2015.

MAYES, Rick; HORWITZ, Allan V. DSM-III and the Revolution in the classification of mental illness. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, v. 41, n. 3, pp. 249-267, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID - 10*, 2007.

PALUDO, Simone dos Santos; KOLLER, Sílvia Helena. Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. *Paidéia*, v. 36, n. 17, pp. 9-20, 2007.

PONDÉ, Milena Pereira. A crise do diagnóstico em psiquiatria e os manuais diagnósticos. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 21, n. 1, pp. 145-166, mar. 2018.

PROTASIO, M. M. Contribuições Kierkegaardianas para a compreensão do adoecimento psíquico. In: FEIJOO, A. M. C. de (Org.). *Interpretações Fenomenológico-Existenciais para o Sofrimento Psíquico na Atualidade*. Rio de Janeiro: Edições IFEN, pp. 1-34, 2008.

_____. Reflexões sobre as bases para a edificação de uma psicologia kierkegaardiana. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, pp. 817-832, 2012.

SAMPAIO, RF; MANCINI, RC. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, São Carlos, v. 11, n. 1, pp. 83-89, jan/fev. 2007.

SANDERSON, William C. *Behavior Modification*, v. 27, n. 3, pp. 290-299, jul. 2003.

Sites acessados:

ETIMOLOGIA- ORIGEM DO CONCEITO. Disponível em: <<https://etimologia.com.br/evidencia>>. Acessado em: abril 2023.

ORIGEM DA PALAVRA. Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/pergunta/evidencia>>. Acessado em: abril 2023.

I – INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR

Renata Gomes da Costa de Marca

Psicóloga clínica na Unidade Docente-Assistencial de Psiquiatria, do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE/UERJ) e preceptora no Programa de Residência em Psicologia Clínica Institucional, do Instituto de Psicologia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, do Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ). Mestre em Saúde Coletiva (IMS/UERJ). Especialização em Psicologia Clínica Institucional, na modalidade: Residência Hospitalar (IP/HUPE/UERJ). Especialização em Psicologia Clínica na perspectiva Fenomenológico-Existencial (IFEN/CFP). Especialização em Psico-Oncologia (PUC-Rio). Possui graduação e licenciatura em Psicologia (UERJ) e graduação em Comunicação Social (ECO/UFRJ). Áreas de interesse: psicologia clínica e institucional, psicologia fenomenológico-existencial, clínica ampliada, saúde mental/atenção psicossocial e saúde coletiva, medicalização/patologização da existência. E-mail: r.marca@gmail.com

II – INFORMAÇÕES SOBRE O ARTIGO

Recebido em: 29 de janeiro de 2024

Aprovado em: 13 de fevereiro de 2024

Publicado em: 30 de março de 2024